

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Província do Pará

Class.: 34

Data: 06.09.80

Pg.: _____

A Província na aldeia Gorotire

O advogado Raimundo Nonato Soares Holanda, funcionário da FUNAI, há 11 anos atuando na área onde ocorreu o massacre de 20 pessoas por índios Kaiapós, chegou às 16:00 horas de ontem a Belém, em companhia de três agentes da Polícia Federal, procedente do local da chacina. Sem ir até a Delegacia da FUNAI, para onde apenas telefonou, Raimundo Nonato Holanda foi localizado por A Província em seu escritório, mas negou-se a prestar qualquer esclarecimento sobre o assunto, alegando "determinações superiores" nesse sentido.

Explicou o advogado que "como sou funcionário da FUNAI e ligado à administração do órgão em Brasília estou impedido de prestar, como todos os funcionários, qualquer entrevista. A reportagem da Província foi completa e merece aplausos, embora possa se dizer até que ela foi sensacionalista. Inclusive circulou até mesmo na aldeia Gorotire. Mas não posso, infelizmente, prestar nenhuma declaração além do que já tiver sido dito pelo delegado substituto, que é a pessoa indicada para prestar esclarecimentos".

Quanto a qualquer tipo de esclarecimento, por mais insignificante que fosse o advogado não deu chance para que transpirasse. Para justificar sua atitude, o advogado acrescentou que "embora esteja atuando há 11 anos na área e, nesse caso dos Gorotires, ter indicado para dar assistência jurídica, meu nome não aparece nos jornais. Mesmo porque a mim não interessa isso".

Por outro lado, segundo fontes seguras, a Polícia Federal de Belém começou, ontem, a se afastar do caso dos Gorotires. Com a chegada de três agentes a Belém, no mesmo avião que trouxe o advogado Raimundo Soares Holanda, apenas dois agentes se encontram na área. Mas isso não quer dizer que a Polícia Federal esteja afastada do problema.

Na região já se encontram,

além de inúmeros representantes da FUNAI, do INCRA e outros órgãos, um delegado, um escrivão, dois agentes, dois peritos, dois médicos legistas e vários auxiliares da agência central da Polícia Federal (de Brasília). Conforme fontes ligadas ao órgão, a missão da Polícia Federal de Belém no caso foi apenas evitar que ele fosse mais grave do que foi. Com a chegada da PF e da FUNAI, pelo menos até agora, o clima de tensão diminuiu e os agentes de Belém ficarão no município de São Félix do Xingu até que a comissão de Brasília tome pé no assunto.

O certo é que agora não há nenhuma conclusão sobre o que realmente aconteceu. Por exemplo: há indícios de que tenha sido massacre de caráter totalmente diferente dos comumente perpetrados por índios Kaiapós. Mas uma conclusão só virá após o término do inquérito que será instaurado pela Comissão de Brasília. Os índios, que regressaram à aldeia e confessaram o crime, estão sujeitos às determinações da Lei nº 6.001 do Estatuto do Índio. A decisão sobre a necessidade ou não de serem apenados compete ao Poder Judicial, que de posse do resultado final do inquérito apresentará seu veredicto.

AFASTAMENTO

Entre as variadas manifestações feitas após a divulgação do massacre de 20 pessoas no município de São Felix do Xingu por índios Kaiapós, está a do possível afastamento do atual delegado regional da FUNAI, Paulo Cezar Abreu. Segundo fontes ligadas ao meio indigenista, "em um curto período de tempo muitas mortes foram verificadas e, além disso, há tensão em vários pontos, descrédito quanto às atividades da FUNAI, demissões, etc".

O delegado da FUNAI, Paulo Cezar Abreu, chegará hoje a Belém, provavelmente pela manhã.

Sepultamento

Os corpos das 20 vítimas do massacre na fazenda "Espadilha", à leste do município de São Félix do Xingu, que passaram mais de 72 horas insepultos, foram, finalmente, sepultados, ontem, em um terreno próximo da casa, palco dos lamentáveis acontecimentos ocorridos na segunda-feira. O fazendeiro João Sena passou o dia inteiro na fazenda "Espadilha" tomando algumas providências e até a noite não havia regressado à Vila de Redenção. O advogado Juarez Tavares, proprietário da fazenda Macedônia, também permaneceu ali, juntamente com os seus empregados.

A senhora Delfina Ferreira da Silva e seus filhos, os únicos sobreviventes do massacre, ontem chegaram a Conceição do Araguaia e se dirigiram para a casa do fazendeiro Joaquim Coelho. Ela está esperando, na segunda-feira, um filho que é tratadista na fazenda de Joaquim. O tratadista deverá ir até a fazenda "Espadilha" apanhar os seus pertences que ficaram ali. Talvez ela e seus filhos retornem ao município de Santa Helena, em Goiás, tudo dependendo de seu marido.

SEPULTAMENTO

Os médicos legistas de Brasília ficaram de chegar ontem à Conceição para realizar a perícia nos cadáveres das vítimas. Eles possivelmente seguiram direto para a fazenda, uma vez que ontem, os corpos foram sepultados, presentes apenas funcionários da FUNAI, o major "Curió", o fazendeiro João Senas e alguns trabalhadores de fazendas próximas à "Espadilha".

Deputado elogia

O trabalho de "A Província do Pará", na cobertura das ocorrências registradas na fazenda "Espadilha" onde a tribo indígena Gorotire massacrou 20 pessoas foi alvo de elogios feitos ontem pelo deputado Mário Chermont, que ainda ressaltou a coragem e o desempenho dos nossos companheiros Emanuel Squires e Rodolfo Oliveira que, logo após o massacre, foram os primeiros a pisar no palco dos acontecimentos, submetendo-se, até mesmo, a serem vítimas dos índios revoltados.

"É honroso e coberto de méritos o trabalho de "A Província do Pará", que se torna até mesmo digna dos maiores prêmios jornalísticos, com a cobertura completa acerca do massacre indígena àquela pobre gente da fazenda Espadilha", disse Mário Chermont, ontem pela manhã. O parlamentar descartou a coragem dos nossos companheiros, que não foram envolvidos pelo medo, que é natural dos seres humanos.

Quanto ao massacre em si, o parlamentar disse ser lamentável sobre todos os aspectos, e "pode-se perfeitamente observar o frágil e deficiente trabalho da FUNAI - Fundação Nacional do Índio". Finalizando, acrescentou Mário Chermont que, "frequentemente esses choques redundam em vítimas, embora se reconheça que é um problema complexo. Ao invés de se procurar resultados que evitem as tragédias, o que se assiste é um agravamento inquietante, inclusive com a expansão de afloramentos tidos como suspeitos de altas jogadas dentro das áreas pertencentes às reservas indígenas".